

CALÍOPE

Presença Clássica



2025.2 . Ano XLII . Número 50

CALÍOPE

Presença Clássica

Separata 2

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS DIRETORA
Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz
VICE-COORDENADOR Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Eduardo da Silva de Freitas
SUBSTITUTO EVENTUAL Renan Moreira Junqueira

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basilio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Vaso grego de figuras vermelhas (hídria). Séc. IV a.C. Cerâmica. Procedente de um ateliê sul-italico. Grupo AV Libation Painter. A cena representa o mito de Pandora, no momento em que ela, por curiosidade, abre a caixa e liberta todos os males que afligem a humanidade; apenas consegue reter a esperança, que é o único consolo que resta ao homem. Acervo: Museu Arqueológico de Barcelona. Foto: Rainer Guggenberger

EDITORAÇÃO E PROJETO GRÁFICO
María Paula Rozo

REVISORES DO NÚMERO 50
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

Poesia e cura nos *Remedia amoris* de Ovídio

Matheus Trevizam

RESUMO

Neste artigo, primeiramente se evoca a carreira de Ovídio como poeta associado à elegia erótica romana. Depois, relembram-se alguns aspectos do amor à maneira elegíaca e de sua abordagem por poetas como o próprio Ovídio e Sexto Propércio. Em seguida, comenta-se que os *Remedia amoris* ovidianos assumem nítidas características de uma obra em relação com o universo temático da doença e da cura. Buscando ressaltar que essa obra não é mera terapia para sofrendores por motivos amorosos, apontam-se traços de metapoesia e desconstrução de padrões elegíacos nos *Remedia*. Por fim, relacionam-se traços gerais da poesia didática, como os “painéis ilustrativos” e outros, à mesma desconstrução.

PALAVRAS-CHAVE

Elegia; Ovídio; Poesia didática; Metapoesia; Cura.

SUBMISSÃO 14 jun. 2025 | APROVAÇÃO 01 out. 2025 | PUBLICAÇÃO 08 jan. 2025
DOI 10.17074/cpc.v1i50.68772

N

INTRODUÇÃO

o interior da produção poética de Públio Ovídio Nasão (43 a.C. – 17 ou 18 d.C.), sobressai-se, pelos traços de certa organicidade e contínua transformação, a parte mais vinculada à elegia erótica romana. Então, lembramos que o autor iniciou sua carreira com os cinco (depois, reduzidos a três) livros dos *Amores*, nos quais desenvolvia com humor, muitas vezes em torno da personagem de *Corinna*, os lugares-comuns desse tipo de poesia amorosa (noites de amor bem ou mal resolvidas, a usual traição da amada ou sua, a presença de rivais – como o outro homem dela ou a *lena* / “alcoviteira” etc.).

Temos na *Ars amatoria* (“Arte de amar”, entre 1 a.C. e 1 d.C.) um importante redirecionamento no âmbito dos escritos “elegíacos” ovidianos. Conforme se lembram seus leitores, o poeta deixa para trás, nesta produção, a *persona* do apaixonado e poeta galante que caracterizara os *Amores* e assume a máscara de um instrutor de conquista para homens e mulheres. Com isso, outras modificações se introduzem em relação ao imaginário construído sobre o amor, pois o descolamento do enunciatador poético da “miopia” dos elegíacos propicia ao *magister* da *Ars*, simultaneamente, olhar com racionalidade e distância afetiva a esse sentimento.¹

Nos *Remedia amoris* (“Remédios do amor”), poema aqui comentado, o fluxo das mudanças, de certo modo, continua a *Ars amatoria*. Com efeito, a *persona* que nos fala desta vez é o mesmo *magister* que já encontramos nessa outra obra, provido de saberes em âmbito galante e disposto a transmitir suas *artes* a homens e mulheres:

*quín etiam docuí qua possis arte parari,
et, quod nunc ratio est, impetus ante fuit.
nec te, blande puer, nec nostras prodimus artes,
nec noua praeteritum Musa retexit opus.*

[...]

*ad mea, decepti iuuenes, praecepta uenite,
quos suus ex omni parte fefellit amor.*

[...]

*sed, quaecumque uiris, uobis quoque dicta, puellae,
credite: diuersis partibus arma damus.*

Mais: **ensinei que artes podiam conquistar, e o que hoje é razão, antes foi paixão.** E não traímos a ti, meiga criança, nem à nossa arte, e uma nova Musa não anulou a obra precedente.²

[...]

Vinde às minhas aulas, jovens iludidos, a quem o vosso amor trouxe toda sorte de engano” [...] “Mas tudo, ó jovens [*puellae*], que for dito aos homens, a vós o será também, acreditai; **damos armas aos campos opostos.**³

No primeiro trecho citado, então, Nasão, “professor” de assuntos erótico-amorosos, evoca sua carreira pregressa – no desempenho de ofício parecido – e até se recorda do tempo em que ainda não ensinava confiantemente, mas era simples presa do envolvimento passional (como *persona* de galanteador-poeta nos *Amores*). No trecho seguinte, após delimitar que não atacará todas as obras de *Amor* – personificado no proêmio à maneira de uma “meiga criança” ou Cupido, o filho da deusa Vênus –, apenas aquelas portadoras de desilusão e sofrimento para os envolvidos, Nasão estende o alcance de seu magistério aos amantes dos dois sexos.⁴

Num sentido essencial, porém, os *Remedia amoris* representam um passo além no processo de transformação da elegia que Ovídio pusera em curso desde os *Amores*, passando pela *Ars amatoria*. Referimo-nos, evidentemente, ao fato de sua mais recente iniciativa ocupar-se, conforme se viu, do desatamento de laços amorosos doentios, enquanto na *Ars* havia o esforço didático em sentido contrário, ou seja, de propiciar o encontro e enlace afetivo com um par.

Nas páginas que seguem, depois de perpassar a questão dos nexos entre o imaginário elegíaco e a noção da “patologia” afetiva, examinaremos como se dá a proposta de cura desses males pelo Ovídio dos *Remedia amoris*. Neste percurso, mais do que apenas interpretar seu modo de agir como mero cuidado com quaisquer desiludidos amorosos, importará entender que certas direções tomadas na obra, negociando

com suas faces elegíaca e didática, implicaram para Ovídio em superar a estreiteza da visão de mundo e da poética da elegia.

CONTORNOS DO AMOR ELEGÍACO E SUAS RELAÇÕES COM A IDEIA DE DOENÇA

Lembramos nesta parte de nossa exposição os contornos principais da experiência amorosa como retratada no *corpus* da elegia erótica romana, desde Cornélio Galo (70-26 a.C.), passando por Sexto Propércio (43-17 a.C.), por Álbio Tibulo (54-19 a.C.) e chegando ao Ovídio de *Amores*. Segundo ressaltou Paolo Fedeli,⁵ a condição do apaixonado elegíaco estava longe de corresponder a algo confortável e “sadio”, do ponto de vista da moral romana mais ortodoxa.

Dessa forma, as *personae* de apaixonados-poetas que povoam este gênero da poesia latina assumiam algumas características de indivíduos associáveis à alta sociedade de Roma. Por exemplo, compartilhavam com os poetas empíricos dos quais eram uma criação seus nomes (*Gallus*, *Propertius* etc.) e a condição de “cavaleiros” (*equites*).⁶ Também incorporavam traços de sua biografia, tais como o meio familiar e o local de origem, a inserção em círculos de patronos e amigos,⁷ entre outros.

Isso, ao mesmo tempo em que os libertava da dissolução na plebe ignota, depositava sobre eles muito da carga moral condizente com o esperado de todo homem romano “honesto”. Fazemos menção, aqui, à ideia de que os varões livres e bem situados socialmente deveriam corresponder, de acordo com o ideário dos latinos, a indivíduos ativos e senhores da própria existência, além de comprometidos com a promoção da pátria, os valores de famílias a serem perpetuadas, em matrimônios legítimos, pela geração de filhos e a ambição pessoal de glória e riqueza.

Apesar das expectativas despertadas por alguns de seus traços constitutivos, figuras de apaixonados-poetas elegíacos como *Propertius* e outros se encontravam, de outro modo, em âmbito diametralmente oposto. Na verdade, como se o jogo de forças estivesse invertido neste tipo de

produção poética, o amante – varão e bem-posto na escala social, conforme vimos – assumia, ali, papel de servidor de sua amada, chegando a chamá-la e tratá-la como *domina* ou *era* (“senhora”). Além disso, as características de amadas semelhantes a Licóris, Cíntia, Délia, Nêmesis e, enfim, Corina faziam delas figuras femininas bem pouco regulares, pelo alto grau de liberdade erótico-amorosa e até perfídia que manifestavam.⁸

Também era sintomático da experiência elegíaca do amor que os apaixonados, mesmo humilhados e sofrendo em meio a infidelidades e desprezo, insistissem em ocupar com sua vida amorosa (fracassada) cada mínima porção de seu tempo e energias.⁹ Com isso, descuidavam da honra e ambição pessoais, deixavam de prontificar-se à defesa efetiva de Roma para se tornarem metafóricos “lutadores” em âmbito galante – o que resulta, poeticamente, no surgimento do lugar-comum da *militia amoris* (“milícia amorosa”) – e se entregavam sem pejo a uma paixão avassaladora, assimilável a um desvario (ou padecimento do corpo):

*Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis,
contactum nullis ante cupidinibus.
tum mihi constantis deiecit lumina fastus
et caput impositis pressit Amor pedibus,
donec me docuit castas odisse puellas
improbis, et nullo uiuere consilio.
ei mihi, iam toto furor hic non deficit anno,
cum tamen aduersos cogor habere deos.
[...]
aut uos, qui sero lapsum reuocatis, amici,
quaerite non sani pectoris auxilia.
fortiter et ferrum saeuos patiemur et ignes,
sit modo libertas quae uelit ira loqui.*

Cíntia, com seu olhar, foi a primeira que **me enfeitiçou**/ (infeliz, não tocado anteriormente por nenhuma forma de paixão)./ O Amor, então, abateu-me a usual altivez dos olhos,/ dominou minha cabeça, calcando os pés sobre ela,/ e ao mesmo tempo me ensinou, falso que é,/ a ter ódio das moças honestas e a viver sem pensar./ **Tal loucura não me abandonou ainda, durante todo este ano**,/ e, no entanto, sou forçado a ter os Deuses como contrários a mim.¹⁰

[...]

Vós, meus amigos, que procurais levantar tardiamente o que caiu,/ buscai auxílio para um **peito doente**./ Com intrepidez **saberei sofrer o ferro e o ardor do fogo**/ para que haja liberdade de dizer o que a ira desejar.¹¹

De fato, em Roma, na poesia greco-latina e nas sociedades antigas em geral, a paixão amorosa não era, absolutamente, algo bem visto:

Quando um romano se apaixonava loucamente, seus amigos ou ele mesmo considerava ou que **perdera a cabeça por uma mulherzinha devido a um excesso de sensualidade**, ou que moralmente caíra em escravidão; e, dócil como bom escravo, nosso enamorado oferecia-se a sua senhora para morrer, se ela assim lhe ordenasse.¹²

Não se trata de um tema inédito na poesia escrita em Roma: ele já foi notado, por exemplo, em alguns poemas de **Catulo** (82 a.C. – 52 a.C.), como por exemplo, o poema 76, o 83, e destaquemos ainda a famosa tradução do não menos famoso poema de **Safo**, o poema 51. E aparece em muitos outros elegíacos romanos, como **Tibulo** (55 a.C. – 19 a.C.), **Propércio** (50 a.C. – 16 a.C.), além de **poemas anteriores de lavra do próprio Ovídio**, tais como os versos elegíacos de *Amores* (15 a.C.), e o poema didático ‘Arte de amar’ (*Ars amatoria*).¹³

Também em âmbito filosófico, Tito Lucrécio Caro (94-50 a.C.) atacou energicamente esse tipo de forte apego afetivo a quaisquer pessoas, inserindo uma espécie de crítica no *De rerum natura* (“Sobre a natureza das coisas”) IV, v. 1030 *et seq.* De acordo com esse filósofo epicurista, quem não está apaixonado frui melhor e mais serenamente do prazer sensual; também não se ilude com distorções da imagem do ser amado nem dilapida sua honra e bens de família, em nome do desejo de agradar a outrem.

Convém esclarecer que este autor latino de filosofia, dando prosseguimento a modos de compreender o homem e a vida oriundos de seu mestre, Epicuro de Samos (341-271 a.C.), entendia a questão dos prazeres como algo passível de uma divisão escalonada.¹⁴ Assim, 1. primeiro existiam os prazeres “naturais e necessários” (comida e bebida simples, repouso mínimo através do sono etc.), indispensáveis à conservação do ser; depois, 2. aqueles “naturais e

não necessários” à vida (como a variação da dieta de forma mais sofisticada e as práticas sexuais); por fim, 3. aqueles “não naturais e não necessários” (a exemplo das veleidades de glória e poder).

Ainda se dava que, quanto mais distantes os “naturais e necessários”, maior moderação e cautela no uso dos prazeres era recomendada ao sábio, na medida em que a verdadeira felicidade, do ponto de vista epicurista, contenta-se com muito pouco.¹⁵ Caso, desprezando as sendas da sabedoria, o indivíduo depusesse sua meta de vida em bens externos (como o luxo das comidas e a busca de satisfação sexual com parceiros indisponíveis, por exemplo), correria riscos de desequilibrar-se na conduta, prejudicando a si mesmo e aqueles no entorno.

Por esse motivo, sem absolutamente condenarem a expressão sadia da sexualidade – associando-a inclusive à alegre imagem da “Vênus vulgívaga”, ou que perpassa muitos corpos –,¹⁶ as lições lucrecianas sobre o amor se identificam com ideias e procedimentos de vida no exato avesso do ideário galante da elegia. Portanto, a dedicação febril a um único objeto de amor, sua evocação incessante pela mente do apaixonado e a idealização de atributos físicos ou outros, aumentados pelas fantasias de quem deseja cegamente,¹⁷ sendo tópicos caros aos elegíacos, foram definitivamente banidas ao término de *De rerum natura* IV.

TRATAMENTO PARA MALES DE AMOR E (DA ELEGIA) NOS *REMEDIA AMORIS*

Ciente dos muitos perigos envolvidos em relacionamentos amorosos envolventes e tão exclusivos quanto os que havia nos poemas da elegia erótica romana, o *magister* dos *Remedia amoris* – depois de ter tentado, ao que parece sem pleno sucesso, disciplinar Cupido por meio dos racionais preceitos contidos na *Ars amatoria* –¹⁸ oferece sua terapia aos alunos/-as em sofrimento, devido a desilusões sentimentais. Isso se faz urgente em certos casos porque, como bem sabe o “médico” identificado com “Nasão” ou a *persona* instrutiva nos *Remedia*, amores mal resolvidos podem ameaçar a vida de um sofredor:

*si quis amat quod amare iuuat, feliciter ardens
gaudeat et uento nauiget ille suo;
at si quis male fert indignae regna puellae,
ne pereat, nostrae sentiat artis opem.
cur aliquis laqueo collum nodatus amator
a trabe sublimi triste pendit onus?
cur aliquis rigido fodit sua pectora ferro?
inuidiam caedis pacis amator habes.
qui, nisi desierit, misero periturus amore est,
desinat, et nulli funeris auctor eris.*

Se alguém ama e esse amor lhe dá prazer, goze feliz dessa paixão e navegue a favor do vento. Mas se padece as imposições de uma garota ingrata, **prove, para que não pereça, a assistência da nossa arte**. Por que um amante, com um laço atado ao pescoço, **pendeu de alta trave, sinistro fardo?** Por que alguém **cravou no peito o duro ferro?** Tu [Amor], amante da paz, guardas ódio à morte. **Quem, se não desistir, haverá de morrer de amor infausto desista**, e não serás tu, Amor, causa da morte de ninguém.¹⁹

Em seu Comentário a respeito da segunda parte da *erotodidáxis* ovidiana – os próprios *Remedia amoris*, portanto –, A.A.R. Henderson esboçou a sinopse dos conteúdos do poema,²⁰ enumerando, assim, os preceitos ou remédios que a obra contém. Dessa maneira, após o prólogo (v. 1-38), no qual o tema geral dos *Remedia* é exposto e justificado, encontramos o exórdio ou efetivo começo do texto (v. 39-76), espaço para endereçar-se à audiência e fazer uma prece invocadora da proteção de Apolo, deus da poesia e da medicina na Antiguidade. Entre v. 77 e v. 132, encontram-se os conselhos preliminarmente dados aos amantes, antes da entrada na verdadeira prescrição de cura; tais conselhos incluem, se possível, que o indivíduo cerceie no início o amor, cedendo à paixão somente se não puder resistir.

Mas, tendo-se de fato instaurado o insucesso de um relacionamento e seus dissabores, o sofredor deveria, primeiro, ocupar-se o tempo inteiro (v. 133-288), por exemplo dedicando-se às leis, ao ofício das armas, à agropecuária, à caça, à pesca, à captura de aves e às viagens²¹ (sempre mantendo longe a magia). Caso não possa, ainda, distanciar-se da cidade onde vive a/o amada/-o, as estratégias de gradativa ruptura (v. 289-600) são rememorar os de-

feitos do objeto de desejo, destruindo as próprias ilusões; aliviar a volúpia antes de qualquer encontro sexual; tomar outra amante; fingir indiferença; saciar-se do corpo desejado até a exaustão; lembrar-se mais de seus próprios problemas (um pai severo, ou uma esposa de pouco dote, ou uma terra a exigir cultivo, ou um filho soldado etc.) que do amor; evitar o afastamento dos amigos.

Uma específica passagem dos *Remedia amoris*, interna ao último segmento aludido, permite observar com detalhes como, em retomada de princípios instrutivos caros ao filósofo Lucrecio, o mestre Nasão desse poema se inseriu em rica teia intertextual, gerando efeitos de similaridade ou discordância:

nigra “melichrus” est, immunda et fetida “acosmos”, caesia “Palladium”, neruosa et lignea “dorcas”, paruula pumilio, “chariton mia”, “tota merum sal”, magna atque immanis “cataplexis plenaque honoris”. balba loqui non quit, “traulizi”, muta “pudens” est; at flagrans odiosa loquacula “Lampadium” fit; “ischnon eromenion” tum fit, cum uiuere non quit prae macie; “rhadine” uerost iam mortua tussi. at tunida et mammosa “Ceres” est “ipsa ab Iaccho”, simula “Silena ac saturast”, labeosa “philema”. cetera de genere hoc longum est si dicere coner.

nomibus mollire licet mala. *fusca* uocetur, *nigrior* Illyrica cui pice sanguis erit; si paeta est, Veneris similis, si raua, Mineruae; sit *gracilis*, *macie* quae male uiua sua est; dichabilem, quaecumque breuis, quae *turgida*, *plenam*, et lateat uitium proximitate boni.

qua potes, in peius dotes deflecte puellae iudiciumque breui limite falle tuum. *turgida*, si plena est, si *fusca* est, *nigra* uocetur; in *gracili* *macies* crimen habere potest; et poterit dici petulans, quae rustica non est, et poterit dici rustica, siqua proba est.

(1) Uma **negra** tem a cor do mel; a imunda e fedorenta é apenas maltratada; a de olhos verdes, uma Palas; a nervosa e lelhosa, uma gazela; a baixinha, a anãzinha, uma das graças, um puro grão de sal; a grande, a colossal, uma maravilha plena e majestosa. A tartamuda que não sabe falar chilreia; a muda é pudica; a incendiária, a

odiosa, a tagarela, torna-se uma chama; aquela que nem pode viver de magreza é um delicado amorzinho e a que morre de tosse é realmente um mimo. A avantajada, a de grandes seios, é a própria Ceres, depois de nascido Baco; a de nariz achatado é uma silena, é uma sátira; a de grandes lábios, um puro beijo. E seria muito longo se eu tentasse enumerar as outras coisas da mesma espécie.²²

(2) Podem-se diminuir os defeitos com eufemismos. Que se diga **'morena'** a que tiver o sangue **mais negro** que o pez da Ilíria; se for estrábica, diga-se que se **'parece com Vênus'**, e se tiver as pupilas amareladas, com **'Minerva'**; seja **'grácil'** a que mal se mantém viva por sua **magreza**; chama toda pequena de **'ágil'**, **a obesa de 'completa'**, e que uma falha se oculte pela proximidade de um bem.²³

(3) O quanto podes, distorce para pior as qualidades de tua amiga e, em razão desses estreitos limites, engana a tua mente. Diga que é **gorda**, **se é cheinha**; diga que é **negra**, **se é morena**. Numa mulher **esbelta** pode-se criticar a **magreza**. Pode-se considerar atrevida quem não é ignorante e, e pode-se considerar ignorante quem é honesta.²⁴

Nos trechos atinentes a Lucrécio (1) e aos *Remedia amoris* (3), observa-se a utilização da mesma tática, que é tentar restaurar a razão de um amante "cego", levando-o a perceber que os traços da amada podem não ser tão favoráveis.²⁵ No primeiro caso, o contexto sugere que são conselhos dados por amigos e pessoas próximas aos amantes obstinados. Por outro lado, na outra passagem em pauta, o próprio *magister amoris*, assumindo uma atitude oposta à de *Ars amatoria* II, v. 657-662, tenta incutir em seus discípulos uma aversão até mesmo em relação ao que, dependendo da perspectiva, poderia ser considerado como virtudes da amada. Apesar das semelhanças na estratégia de fazer "esquecer" um amor enfatizando aspectos negativos de um dos parceiros, percebe-se que o tom no trecho lucreciano é mais incisivo, não apenas pela forma exagerada e estranha como os defeitos das *puellae* são apresentados, mas também porque, na

versão de Ovídio em *Remedia*, o *magister* admite que a jovem indomável pode realmente possuir certas qualidades (*dotes*, v. 325).

Em que pese à diferença da preceituação conjuntamente envolvida, apenas, na *Ars amatoria* (2) e em *Remedia amoris*, v. 325-330 (3), é, todavia, inegável que o plano expressivo guarda óbvias semelhanças entre ambas. Note-se, por exemplo, a referência à cor negra da pele em um e outro contexto, depois se seguindo aquela à magreza/esbelteza (com uso, em todos os casos, das mesmas e exatas palavras) etc. Dessa forma, Ovídio se serve aqui de verdadeiros marcadores alusivos que lhe permitem um efeito específico de intertextualidade: a saber, certa "correção [estética]", de maneira similar à que ocorre com tantas passagens de Virgílio ou outros autores antigos, em sua relação com os modelos. Entretanto, se tal tipo de correção em geral incide sobre as expressões e estilo do poeta do hipotexto,²⁶ nos *Remedia* temos que recai sobre a apreciação do corpo e espírito da parceira amorosa, de um modo hipercrítico e avesso aos olhares compassivos do *magister* e do *discipulus* na *Ars amatoria*.

Em se tratando, por sua vez, não de plenos doentes, mas de indivíduos que, quase recuperados diante de uma ruptura amorosa, veem-se em risco de recaída (v. 601-688), os remédios abrangem coibir a convivência com outros apaixonados; evitar a amada/-o e suas reminiscências; cortar relações com sua família; esconder as próprias queixas; adotar atitude amigável ao partir; não procurar reaver presentes; não se vestir para agradar a outrem; ensurdecer a súplicas e ficar cego a lágrimas; renunciar a toda recriminação. Depois, segue-se um trecho em que o *magister* (ou médico) reforça o valor do silêncio na quebra da relação e explica não pretender "cortar as asas" de Cupido – ou seja, ser em tudo mais forte que o deus –, além de invocar mais uma vez Apolo:

*consilium est, quodcumque cano: parete canenti,
tuque, fauens coeptis, Phoebae saluber, ades.
Phoebus adest: sonuere lyrae, sonuere pharetrae;
signa deum nosco per sua: Phoebus adest.*

É sabedoria tudo o que eu canto; obedece-me e tu, **Febo, portador da saúde**, assiste o meu cometimento, como tens feito. Febo me assiste. Soou a lira, soou a aljava. Reconheço o deus pelos seus sinais. Febo me assiste.²⁷

A lista de preceitos aplicáveis àqueles em perigo de voltar a “adoecer” de paixão continua (v. 707-810), citando a necessidade de comparar a amada a outras mulheres; de queimar suas cartas; de livrar-se de seu retrato; de evitar os “ninhos de amor” do passado; de reconhecer o valor da pobreza (pois a indigência sobrevive apenas, não tem forças para alimentar um amor); de afastar-se dos teatros e das volúpias que despertam com visões e ruídos; de renunciar à leitura de poesias eróticas;²⁸ de parar de preocupar-se com rivais no amor; de evitar alimentos e bebidas “afrodisíacos” (cebolas, rúcula e vinho apenas suficiente para embotar as inibições, sem causar forte embriaguez). Vem enfim o epílogo, no qual Nasão refere sua chegada ao “porto” do término da obra e requer as justas homenagens a seu canto curativo (“meu canto **curou**”, v. 814).

Uma contribuição de Gabriela Orosco revela a existência, nos *Remedia amoris*, de uma série de expressões em claro vínculo com o vocabulário médico e do padecimento.²⁹ Primeiramente, segundo a autora, Nasão já se denomina “médico” em v. 77 da obra (“*Tu pariter uati, pariter succurre medenti*” – “Socorre a quem é, a um tempo, poeta e **médico**”); sua “arte”, ou técnica passível de ensinamento, é apresentada em v. 135 ao modo de algo vinculado à cura (“*Ergo ubi uisus eris nostrae medicabilis arti/ Fac monitis fugias otia prima meis*” – “Portanto, assim que achares que nossa arte **pode curar-te**, trata de evitar em primeiro lugar a ociosidade: é o meu conselho”).

No começo dessa obra, continua,³⁰ introduz-se a ideia do “esmorecimento” de alguns diante do amor (“*Saepe tepent alii iuuenes*” – “Amiúde **esmorecem** os outros jovens”). Neste caso, o verbo em questão “pode significar tanto ‘ser/estar morno, tépido’, como ‘sentir o calor do amor’, e ainda ‘ser morno’ (pouco entusiasta) em

relação aos sentimentos de alguém (cf. *OLD*, verbete *tepeo*, sentidos 1, 2 e 3”). Mas o termo ainda aponta ambigualmente, segundo o *Novíssimo dicionário latino-português* de F. R. dos Santos Saraiva, para “amar, ter algum amor a” ou “estar enamorado de alguém”.³¹

Outros termos ou expressões em análise, no artigo citado,³² são *impetus* de v. 10³³ (“paixão”, mas ainda “ímpeto”, ‘impulso’, ‘ataque’, ‘violência’; **ataque (de uma doença)**, ‘uma explosão (de paixão, raiva, etc.)’); (*OLD*, verbete *impetus*, sentidos 1, 3, 3b e 7, respectivamente”); *male fert* de v. 15³⁴ (“padecer” ou “**contrair uma doença**”, *OLD*, verbete *male*, sentido 1f”); *pereat* de v. 16³⁵ (“perecer”, ‘morrer’; **definhar**, ‘morrer (de uma emoção)’, ‘estar loucamente apaixonado’, *OLD* sentidos 3 e 4”); *morbi* e *morbos* de v. 81³⁶ e de v. 115³⁷ (“**doença** (cf. *OLD* sentido 1)”); *aegro* de v. 109.³⁸

A palavra *aeger* (*aegro* no v. 109) designa alguém **‘fisicamente doente’**; **‘cansado’**; **‘fraco’** (*OLD*, verbete *aeger*, sentidos 1, 2 e 2b). Tal caracterização corrobora nossa interpretação: o amante infeliz é enfraquecido, mais ainda, adoecido, pelo mal do amor. Mais uma vez, esse mal que aflige o amante é caracterizado pela palavra *morbos* (*morbos* v. 115; cf. também *morbi* v. 81), que, como vimos, designa uma ‘doença’, ‘enfermidade’. [...] Vemos, assim, uma imagem do amante elegíaco presente através do espectro lexical de que se vale Ovídio para compor o vate-*magister* (como médico), o leitor-*discipulus* (como paciente) e o objeto (amor como *morbos*, *furor*) de seus *Remedia*.³⁹

Sem negar que haja, pela letra dos *Remedia amoris*, abundante material linguístico e muitos conteúdos associados a certa função “terapêutica” diante do sofrimento amoroso, também não se pode omitir que os temas do poema não são tomados simplesmente da crua realidade, mas antes dialogam a fundo com passagens, *tópoi* e situações da elegia erótica romana convencional (ou de outros escritos). Nesse sentido, as colocações de Henderson⁴⁰ ajudam a fundamentar nossa própria posição: nota de início o comentador dos *Remedia amoris* que os conteúdos dessa obra em grande parte correspondem a

uma “resposta” de Ovídio aos dizeres de Propércio, na supracitada *Elegia* I.1.

Naquele poema properciano, que apresentava óbvios contornos programáticos a respeito do imaginário elegíaco, já havia realmente advertências contra os perigos do *otium* (“falta de empenho sério”). Encontravam-se também o tema da magia – que um desesperado amante cogitara empregar, recorrendo à força de mulheres capazes de desviar o curso dos astros e rios –, o esquecimento de uma paixão frustrada através da viagem, a questão da troca de amores e forte insatisfação nos relacionamentos com as mulheres, em geral. Além disso,

A mensagem da elegia – *hoc, moneo, uitate malum...* –⁴¹ deve ser comparada com a primeira máxima de Ovídio, [oo]. A antítese de Propércio entre *consilium* [‘juízo’] e *furor* [‘loucura’] reaparece no próêmio de Ovídio (10), enquanto a distinção traçada por Propércio entre seu próprio caso e aqueles *quibus facili deus annuit aure* [‘a quem um deus assentiu com benevolência’] subjaz às duas categorias ovidianas do *amans* [‘amante’] contente e descontente (13 *et seq.*).⁴²

No tocante à proveniência dos preceitos ovidianos contidos nos *Remedia* de modo mais detalhado, as explicações do comentarista anglófono também favorecem entender que as falas de Nasão, nesta obra, não surgem da mera “espontaneidade”, mas retomam fontes letradas anteriores. Segundo ele, então, “para suas ‘curas’, Ovídio se baseia em três fontes de sabedoria principais: sua própria *Ars amatoria*,⁴³ o livro IV de Lucrécio e o livro IV das *Tusculanae disputationes* de Cícero”.⁴⁴ O poeta do *De rerum natura*, como vimos, compusera uma diatribe contra a paixão amorosa em IV, v. 1030 *et seq.* de sua única obra, preceituando inclusive lembrar-se de que a amada se submetia a rituais de beleza repugnantes (v. 1174-1176);⁴⁵ quanto a Cícero, em confluência com ideias depois retomadas nos *Remedia*, o filósofo “trata o desejo como uma doença da alma”.⁴⁶

Sobre, particularmente, a fonte vinculada à *Ars amatoria*, vale a pena recordar que ela própria já se nutria, em muitas passagens,

tópoi e situações, do universo expressivo da elegia erótica romana.⁴⁷ Isso significa que a remissão do *magister*-médico a este poema erotodidático específico sempre o insere numa densa rede de evocações literárias incompatível com seu endereçamento apenas literal àqueles que padecem de amor. Então, suas palavras de cura ecoam com transformações toda uma tradição de poesia amorosa em Roma, assumindo dimensões metapoéticas e corretivas diante da elegia e de seus variados desdobramentos.

A FACE DIDÁTICA DOS *REMEDIA AMORIS* E SUA RESPOSTA AOS LIMITES ELEGÍACOS

Mais um aspecto da tessitura desta produção ovidiana que favorece interpretar a obra sob o viés do direcionamento ao âmbito literário (e da metapoesia) diz respeito aos pontos de contato compositivo dos *Remedia* com traços da poesia didática antiga. De início, podemos dizer que quase todos os elementos apontados pela crítica como integrantes dessa categoria poética antiga se acham representados no poema em pauta e que, ainda, aqueles ausentes indicam a “infiltração” da elegia em seus versos.

Peter Toohey, com efeito – incluindo posteriormente os *Remedia amoris* em suas análises detidas de obras gregas e latinas afins ao didatismo –,⁴⁸ citou entre tais elementos a manifestação de uma voz “autoral” pelo *magister* de um saber ou arte qualquer; o endereçamento explícito a, pelo menos, um destinatário (moldado como *discipulus* ou “aluno”); a adesão, em geral, a um padrão expressivo de seriedade; a presença dos ditos “painéis ilustrativos”; o uso do metro hexâmetro datílico; o preenchimento com assunto instrucional; a possibilidade de seguir padrão expositivo técnico e detalhado; enfim, uma extensão não tão dilatada, em número de versos.

No tocante à manifestação do binômio *magister/discipulus* no poema, trata-se de algo inegável, devido ao próprio desdobramento de função da voz “autoral” também com contornos de um professor, além de médico:

*ad mea, decepti iuvenes, praecepta uenite,
quos suus ex omni parte fefellit amor.
discite sanari per quem didicistis amare;
una manus uobis uulnus opemque feret.
terra salutare herbas eademque nocentes
nutrit, et urticae proxima saepe rosa est.
uulnus in Herculeo quae quondam fecerat hoste,
uulneris auxilium Pelias hasta tulit.*

Vinde às minhas aulas, jovens iludidos, a quem o vosso amor trouxe toda sorte de engano. **Aprendeis a vos curar com quem aprendestes a amar;** uma única mão vos trará a ferida e o socorro. A mesma terra nutre as plantas saudáveis e as daninhas, e a rosa amiúde fica bem perto da urtiga. A lança de Aquiles, que golpeou seu inimigo, filho de Hércules, foi a que lhe curou a chaga.⁴⁹

Muito bem se mostram, no trecho acima, o *magister* e o público definido como “alunos/-as” de fim da dor, tanto por meio da seleção vocabular alusiva a esses papéis quanto, no caso do alunado, através do endereçamento linguístico em segunda pessoa do plural. Quanto ao aspecto seguinte do rol de traços didáticos segundo Toohey,⁵⁰ a efetiva “seriedade” dos *Remedia amoris* fica em certo sentido comprometida, já pelo fato de a mescla de elementos elegíacos em sua trama implicar em relativo rebaixamento da obra na hierarquia dos gêneros.⁵¹

De fato, se lembramos que a poesia didática é assimilável ao gênero épico,⁵² com o qual normalmente partilha como espécie o uso dos hexâmetros datílicos, a propensão a instruir⁵³ e o eventual acolhimento de narrativas míticas etc., veremos que a disposição nos *Remedia* a incorporar personagens e outros elementos composicionais da elegia⁵⁴ acaba deslocando-os de um espaço representativo mais sublime a outro nuançado e menos “nobre”. Isso se patenteia, até, pelo uso de efeitos humorísticos que perpassam, com quebra da sisudez expositiva, este curso de desamor.⁵⁵

Mesmo os “painéis ilustrativos” que encontramos nos *Remedia amoris*⁵⁶ e servem – como em geral na poesia didática antiga – para dar conselhos de maneira concreta,

através da narração de histórias, não raro assumem traços risíveis no poema:

*quid moror exemplis, quorum me turba fatigat?
successore nouo uincitur omnis amor.
fortius e multis mater desiderat unum
quam quem flens clamat ‘tu mihi solus eras’.
et, ne forte putes noua me tibi condere iura
(atque utinam inuenti gloria nostra foret!),
uidit id Atrides: quid enim non ille uideret,
cuius in arbitrio Graecia tota fuit?
Marte suo captam Chryseida uictor amabat;
at senior stulte flebat ubique pater.
quid lacrimas, odioso senex? bene conuenit illis;
officio natam laedis, inepte, tuo.
quam postquam reddi Calchas ope tutus Achilles,
iusserat et patria est illa recepta domo,
‘est’ ait Atrides ‘illius proxima forma
et, si prima sinat syllaba, nomen idem.
hanc mihi, si sapiat, per se concedat Achilles;
si minus, imperium sentiet ille meum.
quod si quis uestrum factum hoc accusat, Achiui,
est aliquid ualida sceptrum tenere manu.
nam si rex ego sum, nec mecum dormiat ulla,
in mea Thersites regna licebit eat.’
dixit, et hanc habuit solacia magna prioris,
et posita est cura cura repulsa noua.*

Por que me demoro com exemplos cuja abundância me cansa? Todo amor é suplantado por um novo amor que lhe sucede. [...] Uma mãe de muitos filhos sente a perda de um deles com mais coragem do que daquele do qual, chorando, diz aos gritos: ‘Tu eras o único’. [...] Viu-o o filho de Atreu. O que não iria ver ele, sob cujo domínio estava a Grécia toda? Vencedor, estava ele a amar Criseida, prisioneira de suas armas; **mas o pai, já bem velho, andava chorando insensatamente por toda a parte. Por que choras, velho antipático? Está tudo bem com eles; tu, imbecil, estás, com teu zelo, prejudicando a filha.** Depois que Calcante, resguardado pelo poder de Aquiles, ordenou que ela fosse devolvida, e foi acolhida na casa paterna, **o filho de Atreu disse: ‘Há uma outra, de beleza parecida e o nome é o mesmo, se se tira a primeira sílaba. Aquiles de bom grado me deve dá-la, se for sensato. Do contrário, sentirá meu poder.** Se algum de vós, ó aqueus, reprova minha conduta, para alguma coisa serve empunhar um cetro com mão firme. Pois, se sou rei e mulher alguma dorme comigo, nada de mais que Tersites assumo o meu reino’. Assim falou e obteve-a; ela muito o consolou da perda da outra. E foi-se um amor, banido por um novo amor.⁵⁷

O painel transcrito ilustra o preceito básico de que um amor passado sempre cede a outro, que cura suas dores. O *exemplum* trazido evoca altamente o início da épica Ocidental – da própria *Ilíada*, então – e se presta, através de um recurso contado entre os mais indispensáveis da poesia didática antiga, a dissuadir da ideia de “prender-se” ao que já não traz bons frutos (nesta situação, um amor sofrido, como tantos da elegia...). O toque divertido, com alguma ponta de cinismo, dever-se-ia aqui sobretudo ao tratamento dispensado pelo *magister* ao velho sacerdote Crises,⁵⁸ sem esquecermos, porém, de que o episódio dito da “fúria de Aquiles” tem seu lado obscuro.⁵⁹

Quanto ao ponto do preenchimento com assunto “instrucional”, não exortativo, nos termos de Toohey,⁶⁰ entendemos que isso corresponde a abordar conteúdos – a exemplo da arte do desamor – que possam ser desdobrados como temas de verdadeiros cursos. Pelo que dissemos na seção anterior do artigo, ressaltando da postura do *magister*-médico, em meio a outros fatores, sua distinção entre os vários tipos de “pacientes” ao dar conselhos,⁶¹ bem como a abrangência das muitas estratégias terapêuticas seguidas (ocupações favoráveis ou não ao desenlace afetivo, convivência com amigos, evitar certas companhias e lugares, livrar-se de objetos evocativos do ser amado, não consumir alguns alimentos etc.), cremos que este aspecto adicional do didatismo também esteja delineado nos *Remedia amoris*.

Dois desdobramentos advêm, nos planos 1. da irreverência e 2. da fuga a um campo de visão estritamente elegíaco (com seu foco nas dores de amor), da forma como Ovídio conduziu o curso de desamor ao longo dos versos dos *Remedia*. Primeiramente lembramos que, sendo amplo o espectro temático possível dos poemas didáticos na tradição greco-romana (agricultura, como n’*Os trabalhos e os dias* de Hesíodo – séc. VII a.C. – e nas *Geórgicas* de Virgílio – séc. I a.C.; astronomia ou física, como nos *Phaenomena* de Arato de Solos – séc. IV-III a.C. –⁶² e no *De rerum natura* de Lucrecio – séc. I a.C.;⁶³ zoologia e te-

mas médicos, como nos *Theriaca* e nos *Alexipharmaca* de Nicandro de Cólofon – séc. II a.C. – etc.), o poeta parece ter buscado estabelecer relações com um deles, especificamente, de maneira jocosa.

Referimo-nos aos pontos de contato possíveis entre os *Remedia amoris* e a produção helenística atinente aos poemas nicandrianos, com seu direcionamento temático característico. Naquelas obras didáticas em grego, com efeito, havia ora a abordagem específica de animais peçonhentos (serpentes, escorpiões, aranhas...), ora dos venenos (de origem vegetal, animal ou mineral) e antídotos correspondentes, com fins curativos dos males que tivessem causado.⁶⁴ Nos *Remedia*, por sua vez, Ovídio

[...] funde um antigo interesse médico por venenos e antídotos que remonta pelo menos ao séc. IV a.C. (e “versificado” no poema didático de Nicandro) com uma tradição igualmente longa e intrincada de terapêutica filosófica. Os “antídotos” de Ovídio assumem a forma de intervenção psicológica, uma terapia da palavra que (como as obras estoicas que levaram aos *Diálogos* e *Cartas* de Sêneca, o Jovem) toma intervenções cirúrgicas e medicamentos reais como metáforas. Assim, o poema é implicitamente comparado a “ervas medicinais” em 45; ao prometer ajudar seu paciente cronicamente ferido, o poeta afirma (com efeito cômico) que Filoctetes deveria simplesmente ter tido seu pé amputado (v. 111-112).⁶⁵

Sobre a personagem de Filoctetes, lembramos que se trata do filho de Peante e Demonassa na mitologia grega, além de depositário do arco e setas de Hércules. Esse herói o recompensara com tais objetos como agradecimento por Filoctetes ter acendido a pira que consumiria seu corpo mortal, contudo pedindo a ele que fosse guardado segredo sobre o lugar de sua morte.⁶⁶ Entretanto, indo ao monte Eta, o filho de Peante bateu com o pé o local da pira funerária de Hércules, quebrando esta promessa mesmo sem ser com palavras.

Dessa maneira, foi punido com a picada de uma serpente no pé “culpado”, a qual se deu na ilha de Crise, próxima de Troia. Como seus gritos de dor não cessavam, em consequência da ferida aberta e mal-

cheirosa, advinda do veneno (o que atrapalhava o silêncio ritual dos sacrifícios helênicos), foi decidido pelos chefes gregos que deveria ser deixado só na ilha de Lemnos. Ali, onde havia um culto de Hefesto e sacerdotes reputados capazes de curar picadas de cobras, ele obteve sua recuperação física e pôde, mais tarde, retornar à Guerra de Troia como combatente do exército grego.⁶⁷

Ora, o ponto dos *Remedia amoris* que evoca Filoctetes⁶⁸ – e, indiretamente, os ensinamentos de um Nicandro sobre tratamentos contra efeitos de peçonhas – assume, de acordo com Victoria Rimmel,⁶⁹ sentidos de ambiguidade e até humor. Então, no entendimento da crítica anglófona, a *pars* (“parte”, v. 111) que teria cabido a Filoctetes decepar, caso não socorrido por ajuda médica adequada, seria obviamente seu pé atingido pela ulceração. Mas, no contexto da “ferida” passional a afetar os *discipuli* de Ovídio, sugere-se talvez que a solução mais drástica para seu mal – do que os livra o *magister*-médico em jogo, com suas terapias psicológicas – corresponderia à própria castração.⁷⁰

No tocante à fuga a um campo de visão estritamente elegíaco, tal como se presentifica nos versos dos *Remedia amoris*, isso é nitidamente perceptível na passagem correspondente a v. 169-196 – trecho de recomendação das atividades do campo como alternativa à ociosidade⁷¹ dos infelizes amantes – e naquela de v. 199-206 – com direcionamento dos preceitos para o âmbito da caça. Na verdade, sendo uma e outra passagem evocativas de poemas didáticos com esses respectivos temas (caso d’*Os trabalhos e os dias*, das *Geórgicas* de Virgílio⁷² e da obra latina *Cynegeticon*),⁷³ elas se encaminham em conjunto para propiciar, pelo viés de uma construtiva atividade, a libertação dos apaixonados à maneira elegíaca do círculo vicioso de gasto de energias inúteis, em que se prendiam sem atentar ao mundo à sua volta.

Os *Remedia*, ainda, apesar da extensão não muito dilatada – 407 dísticos elegíacos –, encaixam-se no padrão do que deve ter sido o tamanho dos poemas didáticos an-

tes das iniciativas de poetas como Lucrécio e Virgílio,⁷⁴ os quais escreveram seus respectivos *De rerum natura* e *Geórgicas* com desdobramento dos preceitos por sucessivos livros e, portanto, concedendo-lhes maior amplitude no âmbito quantitativo dos versos. A obra também demonstra algum conhecimento “técnico” detalhado já pelo fato de corresponder a uma retomada, atenta e pelo avesso, da *Ars amatoria* e de suas muitas estratégias de conquista. Desse modo, ao rebaterem preceitos contidos naquele texto erotodidático pregresso, os *Remedia* dão curso a todo um prospecto de práticas curativas, conjuntamente associáveis, segundo notou Gian Biagio Conte, à perspectiva de superar as barreiras poéticas da elegia.⁷⁵

CONCLUSÃO

Os *Remedia amoris*, como intentamos ter demonstrado, significam um ponto de chegada crucial na gradual passagem de Ovídio pelo imaginário e recursos compositivos da elegia, depois da “fase” conformada dos *Amores* e dos exercícios instrutivos da *Ars amatoria*. Na verdade, unindo aos temas da elegia, desta vez, não só a questão do ensinamento, mas ainda a de uma espécie de “terapia”, o que o poeta faz nos *Remedia*, sobretudo, é retrabalhar seus *tópoi* e situações até o ponto em que não mais podem resistir e cedem, em definitivo, à ruptura da bolha existencial que cerceava amantes, poetas e leitores elegíacos.

Nesse percurso, foi decisivo que Ovídio tivesse agregado à estrutura de sua obra do desamor o rol quase completo dos traços associáveis à poesia didática antiga, como o binômio *magister/discipulus*, os “painéis ilustrativos”, certo caráter instrucional (geórgico e cinegético, inclusive) etc. Por meio desses recursos, conforme intentamos ter demonstrado, o poeta não apenas renovou a estrutura poética – produzindo um híbrido, em dísticos elegíacos, entre a elegia sob “ataque” e o didatismo predominante –, mas também obteve instrumentos que lhe permitiram curar, não sem humor, os males de toda uma literatura.⁷⁶

ABSTRACT

This article begins by examining Ovid's career as a poet within the tradition of Roman erotic elegy. It then revisits key aspects of elegiac love and how poets similar to Ovid himself and Sextus Propertius engaged with the genre. The discussion moves on to Ovid's *Remedia amoris*, identifying its thematic ties to illness and healing. More than mere therapy for love-stricken individuals, the article highlights the work's metapoetic elements and its deconstruction of elegiac conventions. Finally, it links general features of didactic poetry—such as “illustrative panels”—to this same deconstruction.

KEYWORDS

Elegy; Ovid; Didactic poetry; Metapoetry; Healing.

REFERÊNCIAS

- BROWN, Robert D. **Lucretius on Love and Sex: a Commentary on "De rerum natura" IV, v. 1030-1287, with Prolegomena, Text and Translation.** Leiden; New York: E.J. Brill, 1987.
- CONTE, Gian Biagio. Amore senza elegia. In: CONTE, Gian Biagio. **Generi e lettori: Lucrezio, l'elegia d'amore, l'Enciclopedia di Plinio.** Milano: Mondadori, 1991. p. 53-95.
- CONTE, Gian Biagio. **Latin Literature: a History.** Translated by Joseph Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University, 1994.
- FEDELI, Paolo. Bucolica, lirica, elegia. In: MONTANARI, Franco (org.). **La poesia latina: forme, autori, probleme.** Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1991. p. 104-131.
- GRIMAL, Pierre. **Dictionnaire de la mythologie grecque et latine.** Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** Tradução de Dion David Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HARDIE, P.R. **Virgils' Aeneid: Cosmos and Imperium.** Oxford: Clarendon Press, 1986.
- HENDERSON, A.A.R. **P. Ovidi Nasonis Remedia Amoris.** Edited with Introduction and Commentary by A.A.R. Henderson. Edinburgh: Scottish Academic Press, 1979.
- HOLZBERG, Niklas. **Ovid: the Poet and His Work.** Translated from the German by G.M. Goshgarian. Ithaca: Cornell University Press, 2002.
- HOUGHTON, L.B.T. Sexual Puns in Ovid's *Ars* and *Remedia*. **The Classical Quarterly**, Cambridge, vol. 59, issue 01, p. 280-285, May 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20616682>. Acesso em 10 de junho de 2025.
- LUCRÈCE. **De la nature.** Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, vol. 1: 1985; vol. 2: 1990.
- LUCRÉCIO. **Da natureza.** Tradução e notas de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 21-135.
- NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza (ed.). **Poesia lírica latina.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- OLIVA NETO, João Angelo. Os gêneros literários antigos e o lugar específico nas Poéticas de Aristóteles e Horácio. **Phaos**, Campinas, v. 4, p. 111-118, 2004. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/9551>. Acesso em: 10 de junho de 2025.
- OROSCO, Gabriela Strafacci. O amor como doença nos *Remedia amoris* de Ovídio. In: xvi **Seminário de Teses em Andamento.** Campinas: Unicamp, vol. 5: 2011. p. 400-411. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277214760_O_AMOR_COMO_DOENCA_NOS_REMEDIAMORIS_DE_OVIDIO. Acesso em: 10 de junho de 2025.
- OVIDE. **L'art d'aimer.** Texte établi et trad. par Henri Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 1960.
- OVIDIO. **Cartas pânticas.** Tradução de José Geraldo Albino. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- OVIDIO. **Os remédios do amor; Os cosméticos para o rosto da mulher.** Tradução, introdução e notas de A. Silveira Mendonça. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- PROPÉRCIO. **Elegias.** Coordenação de Aires A. Nascimento et al. Lisboa; Assisi: Centro de Estudos Clássicos; Accademia Proporziana del Subasio, 2002.
- RIMMEL, Victoria. **A Commentary on Ovid, Remedia Amoris.** Edited with introduction and commentary by Victoria Rimmel. Oxford: Oxford U.P., 2024.
- SARAIVA, F.R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português.** Rio de Janeiro; Belo Horizonte, 1993.
- SPINELLI, Miguel. Lucrécio e Virgílio: as várias faces de Vênus, musa, genitora e vulgívaga. **Hypnos**, São Paulo, n. 23, p. 258-277, 2º semestre 2009. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/40>. Acesso em 10 de junho de 2025.
- TOOHEY, Peter. **Epic lessons: an Introduction to Ancient Dialectic Poetry.** London; New York: Routledge, 1996.
- UREÑA PRIETO, M.H. **Dicionário de literatura grega.** Lisboa, Verbo, 2001.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio.** São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2001.

Notas

1 Conte, 1991, p. 70.

2 Ov., *Rem. am.* v. 9-12 (tradução de A. Silveira Mendonça, grifo nosso).

3 Ov., *Rem. am.* v. 41-42 e 49-50 (tradução de A. Silveira Mendonça, grifo nosso).

4 Similarmente, os livros I e II da *Ars amatoria* ensinavam aos homens de Roma como estabelecer uma ligação amorosa e mantê-la; o livro III ensinava as mesmas habilidades às mulheres.

5 Fedeli, 1991, p. 108-109.

6 Conte, 1994, p. 326 (referindo-se a Tibulo): “*His well-to-do family belonged to the equestrian class; this is true despite his complaints of economic reverses and poverty, which is a motif he has in common with the other elegiac poets*” (“sua família abastada **pertencia à classe equestre**; isso é verdade apesar de suas queixas de dificuldades econômicas e pobreza, que é um motivo que ele tem em comum com outros poetas elegíacos”; tradução e grifo nossos).

7 Propércio, *El.* I.22, v. 1-10: “*Qualis et unde genus, qui sint mihi, Tulle, Penates, / quaeris pro nostra semper amicitia. / si Perusina tibi patriae sunt nota sepulcra, / Italiae duris funera temporibus, / cum Romana suos egit discordia ciues – / sic mihi praecipue, pulvis Etrusca, dolor, / tu proiecta mei perpessa es membra propinqui, / tu nullo miseri contegis ossa solo – / proxima suppositos contingens Vmbria campos / me genuit terris fertilis uberibus*” (“qual e donde o sangue, que Penates, Tulo, tenho / tu perguntas, pela usual amizade. / Se conheces as sepulturas perusinas da pátria, / luto da Itália em duros tempos, / quando a discórdia em Roma agitou cidadãos / (sobretudo é para mim causa de dor, ó solo etrusco, / pois **toleraste membros atirados de parente meu** / e com terra nenhuma encobres do infeliz os ossos), / **a Úmbria próxima, confinando com o campo aos pés, / gerou a mim, fértil em terra rica**”; tradução e grifo nossos).

8 Fedeli, 1991, p. 110.

9 Idem, *ibidem*, p. 109.

10 Prop., *El.* I.1, v. 1-8 (tradução de Z. Almeida Cardoso, grifo nosso).

11 Prop., *El.* I.1, v. 25-28 (tradução Z. Almeida Cardoso, grifo nosso).

12 Veyne, 2009, p. 186 (tradução de Hildegard Feist, grifo nosso).

13 Orosco, 2011, p. 401; grifo nosso.

14 Hadot, 2010, p. 174.

15 Idem, *ibidem*: Uma sentença epicurista resumirá bem essa divisão dos desejos: “Graças sejam rendidas à bem-aventurada Natureza que fez com que as coisas necessárias fossem fáceis de alcançar e que as coisas difíceis de alcançar não sejam necessárias”. A ascese dos desejos consistirá em limitá-los, suprimindo os que não são naturais nem necessários, limitando o mais possível os que são naturais mas não necessários, pois eles não suprimem um sofrimento real, visam apenas às variações no prazer e podem arrastar a paixões violentas e desmedidas (Epicuro, *Máximas Principais* § xxx).

16 Spinelli, 2009, p. 272: “A Vênus vulgívaga é a personificação proverbial do desejo amoroso que se desvia e evita o amor. Referido às mulheres, a Vênus vulgívaga não representa rigorosamente tão só a meretriz, mas combina com a idéia ancestral da mulher volúvel, que, de quando

sofre da inconstância por seus humores” (grifo nosso). A expressão em destaque – “*uolgiuaga* [...] *Venere*” – se encontra em *De rer. nat.* IV, v. 1071.

17 Lucr., *De re. nat.* IV, v. 1097-1104: “[U]t bibere in somnis sitiens quom quaerit et umor / non datur, ardorem qui membris stinguere possit, / sed laticum simulacra petit frustra laborat / in medioque sinit torrenti flumine potans, / **sic in amore Venus simulacris ludit amantis,** / nec satiatae queunt spectando corpora coram / nec manibus quicumque teneris abrahere membris / possunt errantes incerti corpore toto” (“assim como aquele que em sonhos, cheio de sede, procura que beber e ninguém lhe dá com que possa extinguir o ardor dos membros, e busca imagens de líquidos, em vão se atormenta e fica cheio de sede, ao mesmo tempo que bebe das torrentes de um rio, **assim também Vênus, no amor, ilude os amantes com a imagem**: não podem saciar-se olhando o corpo que se lhes apresenta nem podem com as mãos arrancar seja o que for dos delicados membros, e incertos erram por todo o corpo”; tradução de A. da Silva, grifo nosso).

18 Ovídio, *Ars amat.* I, v. 1-10: “[S]iquis in hoc artem populo non nouit amandi, / hoc legat et lecto carmine doctus amet. / **arte citae ueloque rates remoque mouentur, / arte leues currus arte regendus amor.** / curribus Automedon lentisque erat aptus habentis, / Tiphys in Haemonia puppe magister erat: / **me Venus artificem tenero praefecit Amori;** / Tiphys et Automedon dicar Amoris ego. / ille quidem ferus est et qui mihi saepe repugnet: / sed puer est, aetas mollis et apta regi” (“se alguém neste povo não conhece a arte de amar, leia este poema e, lendo-o, ame instruído. **Pela arte e ágeis remos as naus velozes são impelidas; pela arte, o leve carro; pela arte é preciso reger-se o Amor.** Com os carros e flexíveis rédeas Automedonte era habilidoso; Tífis, na Hemônia, foi o mestre de uma popa; **a mim, Vênus designou preceptor do tenro Amor**: um Tífis e um Automedonte do Amor possam chamar-me! Ele decerto é feroz, e tal que a mim muito resista, mas **é menino, idade fácil e própria a ser guiada**”; tradução e grifo nossos).

19 Ov., *Rem. am.* v. 13-22 (tradução de A. Silveira Mendonça, grifo nosso).

20 Henderson, 1979, p. xx.

21 Os preceitos sobre a incessante ocupação do amante desiludido com afazeres distintos da adesão ao âmbito passionai não deixam de lembrar, com outros, os próprios conselhos de Cícero diante de circunstâncias parecidas. Cf. Rimmel (2024, p. 38): “*The sequence of cures in the Remedia loosely follows the menu proposed at Tusculanas 4.35, where Cicero suggests that the victimized male lover should be encouraged to see his beloved as contemptible and trivial (cf. Rem. 315-56, 429-38, 535-42), should be diverted to other interests (Rem. 143-24, 559-74) or should even drive out old love with a new object of desire (etiam nouo quidam amore ueterem amorem tamquam clauo clauum eiciendum putant, 4.75, versified in successore nouo uincitur omnis amor at Rem. 462, cf. 484)*” (“a sequência de curas nos *Remedia* segue vagamente o menu proposto em *Tusculanas* 4.35, onde Cícero sugere que o amante masculino vitimado deveria ser encorajado a ver sua amada como desprezível e trivial (cf. *Rem.* 315-56, 429-38, 535-42), **deveria ser desviado para outros interesses** (*Rem.* 143-24, 559-74) ou deveria até mesmo expulsar o antigo amor com um novo objeto de desejo (*etiam nouo quidam amore ueterem amorem tamquam clauo clauum eiciendum putant*, 4,75, versificado em *successore nouo uincitur omnis amor* em *Rem.* 462, cf. 484)”; tradução e grifo nossos).

22 Lucr., *De re. nat.* IV, v. 1160-1170 (tradução de A. da Silva, grifo nosso).

23 Ov., *Ars amat.* II, v. 657-662 (tradução e grifo nossos).

- 24 Ov., *Rem. am.* v. 325-330 (tradução de A. Silveira Mendonça, grifo nosso).
- 25 Brown, 1987, p. 282-283.
- 26 Vasconcellos, 2001, p. 163: Virgílio suprime [em *En.* vii, v. 462-466] o detalhe da banha de porco a se derreter [em *Ilíada* xi, v. 362-365], esse “*wenig erhabene Detail*”, inadequado ao estilo do poeta, como observa Pöschl; e não se pode esquecer a crítica que sobre o texto homérico se vinha fazendo, sobretudo em época alexandrina: certamente não deixaria de exercer influência sobre Virgílio. Referenciando tal interpretação, é notável, neste trecho da *Eneida*, o acúmulo de formas de linguagem mais elevada, afastada da expressão prosaica; Conington fala em “*dignified language*”.
- 27 Ov., *Rem. am.* v. 703-706 (tradução de A. Silveira Mendonça, grifo nosso).
- 28 Nesse sentido, certa literatura faz adoecer.
- 29 Orosco, 2011, p. 403.
- 30 Idem, ibidem, p. 405.
- 31 Saraiva, 1993, p. 1191.
- 32 Orosco, 2001, p. 406-408.
- 33 Ov., *Rem. am.* v. 10: “*Et quod nunc ratio est, impetus ante fuit*” (“e o que hoje é razão, antes foi **paixão**”; tradução de A. S. Mendonça, grifo nosso).
- 34 Ov., *Rem. am.* v. 15: “*At si quis male fert indignae regna puellae*” (“mas se **padece** as indisposições de uma garota ingrata”; tradução de A.S. Mendonça, grifo nosso).
- 35 Ov., *Rem. am.* v. 16: “*Ne pereat, nostrae sentiat artis opem*” (“prove, para que não **perca**, a assistência de nossa arte”; tradução de A.S. Mendonça, grifo nosso).
- 36 Ov., *Rem. am.* v. 81: “*Opprime, dum noua sunt, subiti mala, semina morbi*” (“esmaga, enquanto novas, as sementes nocivas do **mal repentino**”; tradução de A.S. Mendonça, grifo nosso).
- 37 Ov., *Rem. am.* v. 115: “*Qui modo nascentes properabam pel- lere morbos*” (“eu, que há pouco me apressava em expulsar **um mal** no nascedouro”; tradução de A.S. Mendonça, grifo nosso).
- 38 Ov., *Rem. am.* v. 109-110: “[...] *sed non, quia serior aegro/ aduocor, ille mihi destituendus erit*” (“[...] mas não é porque sou chamado bem tarde junto **ao doente** que deverei abandoná-lo”; tradução de A.S. Mendonça, grifo nosso).
- 39 Orosco, 2011, p. 408; grifo nosso.
- 40 Henderson, 1979, p. xv.
- 41 Propércio, *Elegias* i.1, v. 35: “Por isso aconselho-vos: evitai este mal” (tradução de Z. Almeida Cardoso).
- 42 Henderson, 1979, p. xv-xvi: “*The message of the elegy – hoc, moneo, uitate malum... – should be compared with Ovid’s first maxim, [oo]. Propertius’ antithesis of consilium and furor reappears in Ovid’s Preface (10), while the distinction drawn by Propertius between his own case and those quibus facili deus annuit aure underlies Ovid’s two categories of the contented and the discontented amans (13 ff.)*”; tradução nos- sa.
- 43 Na medida em que, em várias partes dos *Remedia amo- ris*, os conselhos antes dados na *Ars amatoria* são ensinados pelo “avesso” (por exemplo, encobrir os defeitos da amada com eufemismos em *Ars amat.* ii, v. 657-662, mas transfor- mar traços “neutros” dela em graves defeitos nos *Rem. am.* v. 325-330).
- 44 Henderson, 1979, p. xvi: “*For his ‘cures’ Ovid draws on three main springs of wisdom: his own Ars amatoria, Book 4 of Lucretius and Book 4 of Cicero’s Tusculan Disputations*”.
- 45 Comparar com *Rem. am.* v. 351-356.
- 46 Rimmel, 2024, p. 3: “[...] *treats desire as a disease of the soul*”; tradução nossa).
- 47 Holzberg, 2002, p. 102.
- 48 Toohey, 1996, p. 4 e p. 170 *et seq.*
- 49 Ov., *Rem. am.* v. 41-48 (tradução de A. Silveira Mendonça, grifo nosso).
- 50 Toohey, 1996, p. 4.
- 51 Como observa João Angelo Oliva Neto (2004, p. 114), o próprio Ovídio emprega duas vezes a qualificação *exiguus* para a caracterização da elegia em *Amores* iii.1 (v. 40 e v. 67): “*obruit exiguas regia uestra fores*” (“vossos palácios [i.e. o próprio gênero da grandiosa Tragédia] aniquilam as **pe- quenas portas**”); “*exiguum uati concede, Tragoedia, tempus*” (“ao vate, Tragédia, concede um pouco de tempo” [i.e. “já que a elegia é de pouca monta”]). Também Horácio, na *Epístola aos pisões* 77, usara a expressão “*exiguus elegos*” (“tênuas elegias”). Trata-se de claros exemplos, em contex- tos metapoéticos, de caracterização do gênero elegíaco como algo “não grande” ou “não elevado”, inclusive em comparação com a estatura expressiva trágica, na primeira citação de Ovídio.
- 52 Toohey, 1996, p. 5-6.
- 53 Hardie, 1986.
- 54 A exemplo da estrofe dos dísticos elegíacos.
- 55 Uma nota de L.B.T. Houghton (2009, p. 282 *et seq.*) faz justamente observar como, em *Rem. am.* v. 757-766, ponto no qual o *magister*-médico aconselha aos que querem esva- ziar a mente de ideias lascivas não prosseguir com a leitura de certos poetas amorosos (Calímaco, Safo, Sexto Propércio, Albio Tibulo e Cornélio Galo), ocorre a apresen- tação de jogos de palavras humorísticos por Ovídio. Assim, em v. 765 (“*quis poterit lecto durus discedere Gallo?*” – “quem poderia sair resistente, **tendo lido Galo?**” / “quem poderia **do leite** sair duro...”), como o nome “Galo”, a que se liga o participio *lecto* (“lido”) somente surge ao final, fica em suspenso por instantes se devemos ler essa palavra realmente como verbo ou como o ablativo do substantivo *lectus* (“cama”, “leito”), com a extensão do sentido erótico a *durus* por associação de ideias, no último caso.
- 56 Além daquele transcrito no corpo de texto, outros “pai- néis ilustrativos” dos *Remedia amoris* se acham em v. 263-290 (mito de Circe) e em v. 591-608 (mito de Fílis e Demo- foonte).
- 57 Ov., *Rem. am.* v. 461-484 (tradução de A. Silveira Men- donça, grifo nosso).
- 58 Toohey, 1996, p. 173.
- 59 Depois que Briseida é tomada por Agamêmnon de Aquiles, este se retira furioso do exército grego e, como consequência, seu amigo Pátroclo morre às mãos de Hei- tor. Tendo tornado à luta para vingar o amigo (ou amante?), sabemos, Aquiles executa Heitor e, ao mesmo tempo, sela seu destino como indivíduo fadado à morte (devido a uma seta atirada, num gesto de desforra, por Páris – irmão de Heitor – contra seu calcanhar).

60 Toohey, 1996, p. 4.

61 Estando ele primeiro focado naqueles ainda não adoecidos de paixão; depois, nos que já sofrem e tentam escapar da dor; enfim, nos indivíduos cuja recuperação teve início, mas correm ainda o risco de recaídas.

62 Ureña Prieto, 2001, p. 50: A obra [*Phaenomena*] divide-se em três partes: uma descrição das estrelas fixas, uma descrição do nascimento e ocaso das estrelas, uma discussão de sinais meteorológicos, talvez influenciada por Teofrasto. O poema não se restringe a dados científicos: começa por um hino a Zeus, com analogias com o estoico Cleanthes, e inclui lendas de estrelas.

63 Nos livros I e II desse poema, Lucrécio estabeleceu os átomos como base da constituição do Universo e descreveu suas características; nos livros III e IV, ele tratou da alma e do espírito humano, bem como das sensações físicas; nos livros V e VI, por fim, esboçou um panorama da “evolução” do mundo e da sociedade e descreveu fenômenos de ordem atmosférica ou geológica.

64 Rimmel, 2024, p. 3: “Ovid positions himself as the Roman heir to Hellenistic writers of ‘cure-poems’, such as Nicander (author of *Alexipharmaca*, on poisons and their antidotes, and *Theriaca*, on venomous creatures and the nature of their bites and stings), after Lucretius, who in *De re. nat.* 4.1058ff. instructs on how to avoid love’s snares, and Cicero, who in *Tusculan disputations* 4 treats desire as a disease of the soul” (“Ovídio se posiciona como o herdeiro romano dos escritores helenísticos de ‘poemas de cura’, como Nicandro (autor de *Alexipharmaca*, sobre venenos e seus antídotos, e *Theriaca*, sobre criaturas venenosas e a natureza de suas mordidas e ferroadas), depois de Lucrécio, que em *De re. nat.* 4.1058ff. instrui sobre como evitar as armadilhas do amor, e Cícero, que em *Tusculanae Disputationes* 4 trata o desejo como uma doença da alma”, tradução nossa).

65 Rimmel, 2024, p. 35-36: “[...] fuses an ancient medical interest in poisons and antidotes dating back to at least the fourth century bce (and ‘oversified’ in Nicander’s didactic poem) with an equally long and intricate tradition of philosophical therapeutics. Ovid’s ‘antidotes’ take the form of psychological intervention, a therapy of the word that (like Stoic works leading up to Seneca the Younger’s *Dialogues and Letters*) takes actual surgical interventions and medication as metaphors. Thus the poem is implicitly compared to ‘healing herbs’ in 45; while promising to help his chronically wounded patient, the poet states (to comic effect) that *Philoctetes* should simply have had his foot amputated (111–112)”, tradução nossa. 66 Grimal, 1963, p. 367.

67 Idem, *ibidem*.

68 Ov., *Rem. am.* v. 107-116: “[S]i tamen auxilii perierunt tempora primi/ et uetus in capto pectore sedit amor,/ maius opus superest; sed non, quia serior aegro/ aduocor, ille mihi destituentis erit./ quam laesus fuerat, partem Poeantius heros/ certa debuerat praesequisse manu;/ post tamen hic multos sanatus creditur annos/ supremam bellis imposuisse manum./ qui modo nascentes properabam pellere morbos,/ admoueo tardam nunc tibi lentus opem” (“se, contudo, se perdeu a oportunidade dos primeiros socorros e o amor, já velho, se plantou no coração prisioneiro, a tarefa é mais árdua; mas não é porque sou chamado bem tarde junto ao doente que deixarei abandoná-lo. A parte em que tinha sido ferido o herói, filho de Peante, ele a teria de cortar com mão firme; contam, porém, que ele, curado após muitos anos, vibrou os últimos golpes à guerra. Eu, que há pouco me apressava em expulsar um mal no nascedouro, agora, com vagar, te atendo com tratamento demorado”, tradução de A. Silveira Mendonça, grifo nosso).

69 Rimmel, 2024, p. 161.

70 Idem, *ibidem*: “The line perhaps also hints jocularly at castration, the ultimate cure for male sexual passion: cf. Oliensis 2019, pp. 124–5, 127–33. On *pars/partes* as *genitalia*, i.e. as shorthand for *pars obscena/pudenda*, see OLD s.u. 6a, Adams pp. 45, 56–8, with *Ars* 2.584, 618, 3.804; *Celsus* 7.18.1; *Columella* 6.26.2, 7.11.2; *Rem.* 429” (“o verso talvez também insinue jocosamente a castração, a cura definitiva para a paixão sexual masculina: cf. Oliensis 2019, pp. 124-5, 127-33. Sobre *pars/partes* como *genitalia*, ou seja, como abreviação de *pars obscena/pudenda*, veja OLD s.u. 6a, Adams pp. 45, 56-8, com *Ars* 2.584, 618, 3.804; Celso 7.18.1; Columela 6.26.2, 7.11.2; *Rem.* 429”; tradução nossa).

71 Conte, 1991, p. 323: “Imprisoned in an irregular love, in a passion that alienates and humiliates him, even socially, he leads a life of nequitia, a life of degradation and dissipation, since in everyone’s eyes his life lacks positive qualities” (“aprisionado num amor irregular, numa paixão que o aliena e o humilha, inclusive socialmente, ele leva uma vida de *nequitia*, uma vida de degradação e dissipação, pois aos olhos de todos sua vida carece de qualidades positivas”; tradução nossa). *Nequitia* significa, além de “malícia”, “corrupção”, “desregramento”, “preguiça”, “apatia” etc.).

72 Henderson, 1979, p. 61: “169-96 are a *Georgics in miniature*, but the content is couched in verses that are a wickedly fluent, almost cloyingly charming pastiche of the earlier bucolic Virgil and of Tibullus in his most sentimental rustic-idyllic vein” (“169-96 são umas *Geórgicas em miniatura*, mas o conteúdo é expresso em versos que são um pastiche perversamente fluido, quase enjoativamente encantador, do Virgílio bucólico anterior e de Tibulo, em sua veia mais sentimental, rústica e idílica”; tradução e grifo nossos).

73 Em *Epístolas do Ponto* IV.16, v. 34, Ovídio registrou: “[A]ptaque uenanti Grattius arma dare!” (“e Grácio daria armas apropriadas ao caçador”; tradução e grifo nossos). Trata-se de provável referência a um poema didático de caça contemporâneo ao autor, escrito em latim e composto antes de 8 d.C. Seu nome é *Cyneygeticon* e conta com 541 hexâmetros, sendo o poeta o obscuríssimo Grattius Faliscus. Por outro lado, também se atribuem ao próprio Ovídio os incompletos *Haliutica*, cujo assunto é a pesca.

74 Toohey, 1996, p. 3: “We ought finally to consider the length of a didactic poem. I suspect that didactic poetry was originally written in single books, and that it was of a length comparable to that of the *Works and Days*, of about 800 lines” (“devemos, finalmente, considerar a extensão de um poema didático. Suspeito de que a poesia didática tenha sido originalmente escrita em livros isolados e que tivesse uma extensão comparável à *d’Os trabalhos e os dias*, com cerca de oitocentos versos”; tradução nossa).

75 Conte, 1991, p. 346: “It was a commonplace of erotic poetry that there is no remedy for the sickness of love, and the elegiac poet seemed almost to take delight in his being condemned to heart-sickness, since he could not free himself from it, and yet inwardly was also proud of his complete devotion, of his choice of nequitia. Ovid reverses this position, asserting that it is not only possible but even obligatory to free oneself from love if it brings suffering” (“era um lugar-comum da poesia erótica que não há remédio para a doença do amor, e o poeta elegíaco parecia quase se deleitar com a condenação à tristeza afetiva, visto que não conseguia se libertar dela, e, no entanto, interiormente também se orgulhava de sua completa devoção, de sua escolha da *nequitia*. Ovídio inverte essa posição, afirmando que não só é possível, mas até mesmo obrigatório, libertar-se do amor se ele traz sofrimento”; tradução nossa).

76 Conte, 1991, p. 86.